

APRESENTAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM

A linguagem, devido à sua indiscutível presença, é tema que interessa a todos os campos do conhecimento. Todavia, ela ganha maior proeminência no âmbito das ciências humanas, pois aí não é apenas instrumento apto a constituir a reflexão sobre o objeto de investigação, mas o próprio objeto de estudo. Para as ciências que intentam desvendar os traços do humano, linguagem é todo sistema de comunicação, formalizado por meio de um conjunto de signos, que são regidos por regras de combinação, isto é, um código que expressa um modelo de mundo.

As línguas, as artes, os mitos, as normas de comportamento social são sistemas semióticos ou linguagens que integram os indivíduos e atuam sobre o modo como esses percebem os outros e a si mesmos. O termo linguagem recobre, pois, um sistema organizado de signos, com propriedades particulares, que permite ao homem expressar suas experiências, seus desejos, suas concepções, suas crenças, seus valores e transmiti-los, processo dinâmico de que resulta uma espécie de herança que os homens propagam indefinidamente e que determinam sua compreensão da realidade.

Essa concepção abrangente resguarda duas atitudes conflitantes: a primeira atribui à linguagem a função de representar o mundo, partindo do pressuposto de que os signos podem ser apreendidos e de que se estabelece uma relação simétrica entre emissor e receptor no processo de comunicação; a segunda atitude concebe a linguagem como testemunho do mundo e assinala que a significação de um ato de linguagem, aparentemente explícita, inclui significados encobertos, decorrentes

do contexto sócio-histórico e de uma relação entre emissor e receptor que traz as marcas da imprevisibilidade.

Com efeito, a linguagem representa a realidade, mas também contribui para instituí-la, e as manifestações de qualquer sistema de significação, sejam verbais, visuais, gestuais, sofrem os efeitos das circunstâncias discursivas, que incluem o contexto, a espécie de relação estabelecida entre os agentes do ato de comunicação e a finalidade que orienta esse ato.

Todavia, tanto a função representativa da linguagem quanto sua capacidade de estabelecer uma concepção de mundo impregnam-se da natureza simbólica e social do signo. Em termos genéricos, duas são as formas de representação: na primeira, a linguagem parece presentificar o objeto a que se refere, estabelecendo-se uma relação direta e transparente entre o signo e seu referente; na segunda, a representação se define por uma relação mediada, visto que a linguagem é incapaz de nomear a coisa a que se refere, necessitando de uma imagem que a traduza ou, em outras palavras, de um símbolo que confira concretude ao indizível. Nessa última forma de representação, incluem-se as manifestações das linguagens artísticas, cujas significações transcendem o âmbito do universo do sensível, do objetivo e do concreto por serem compostas de signos que assumem significações plurais (DURAND, 1964)¹.

¹ DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, PT: Edições 70, 1964.

Paralelamente, os atos de linguagem enraízam-se em contextos socio-históricos, não sendo deles apenas uma expressão, pois também atuam sobre a concepção do sujeito. Todo signo se origina no espaço social, uma vez que a linguagem é, por natureza, coletiva. Logo, a manifestação de qualquer sistema semiótico se dá a partir de um determinado lugar, sendo o produto da interação entre agentes de atos de comunicação. Dessa forma, o emissor jamais é o representante de si mesmo, uma vez que se expressa a partir do cruzamento de intenções, de opiniões e de pontos de vista alheios, instituindo-se como sujeito em função de um grupo e do conjunto de ideias que esse grupo adota ou contesta.

O posicionamento segundo o qual o sujeito se constitui na sua relação com o outro, relação que só pode ser experimentada por meio da linguagem, remete ao pensamento de Mikhail Bakhtin, para quem o infindável questionamento – espaço habitado por um “eu” e por um “outro” – é a via pela qual se constitui a consciência de cada um. Dessa forma, a concepção do sujeito e a noção que ele tem de si adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado, dos quais ele compartilha no curso de suas relações sociais (BAKHTIN, 1988)². Portanto, a consciência que o sujeito tem de si mesmo instala-se na e pela linguagem, que, como um cronótopo, reflete as circunstâncias sociais e culturais de um determinado tempo e de um determinado espaço.

Em síntese, a importância da linguagem (ou das linguagens) afirma-se por estabelecer a comunicação entre os homens e revela-se por suas características fundamentais: toda linguagem resulta de estruturas racionalmente concebidas e apreensíveis em um processo de análise; a linguagem é um fenômeno social, visto que nasce entre os homens e expressa a relação que eles instituem com o mundo circundante. Nesse sentido, a linguagem representa determinada realidade, mas, igualmente, contribui para instituir a percepção que os indivíduos estabelecem a respeito de si mesmos e de seu entorno, porque nela reside a possibilidade de dar significação às experiências humanas e de postergá-las por meio da memória coletiva. Enfim, é por meio da linguagem que se constitui a construção progressiva do sujeito, visto que, em seu âmbito, ele desenvolve a consciência da própria subjetividade e de sua responsabilidade social.

Dr.^a Juracy Assmann Saraiva
Pós-Doutora em Teoria da Literatura pela UNICAMP; professora e pesquisadora da Universidade Feevale; coordenadora do “Mestrado em Processos e Manifestações Culturais” dessa mesma instituição; bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

² BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, SP: Hucitec, 1988.